

# FLUXOS MIGRATÓRIOS E FORMAÇÃO DA REDE URBANA DE RORAIMA<sup>1</sup>

*Alexandre Magno Alves DINIZ<sup>2</sup>*

## Resumo

Cravado na bacia do Rio Branco, o Estado de Roraima manteve-se isolado do resto do Brasil por séculos, até que, recentemente, ligações mais perenes foram constituídas, desencadeando um verdadeiro *boom* populacional. Atualmente, a rede é composta por 15 centros urbanos, sendo comandada pela cidade de Boa Vista. Uma das características mais marcantes desta rede é o seu dinamismo. Novos núcleos urbanos vêm surgindo da floresta amazônica e das savanas setentrionais a reboque de intensos fluxos migratórios inter e intra-estaduais e das profundas transformações estruturais desencadeadas pelo avanço das fronteiras agrícolas, que vêm promovendo substantivos movimentos do tipo campo-cidade. O presente trabalho explora a constituição e funcionamento da rede urbana do Estado de Roraima e sua relação com os fluxos migratórios intra e inter-estaduais das décadas de 1970, 1980 e 1990.

**Palavras-chave:** Rede urbana. Migrações. Roraima – Brasil.

## Abstract

### **Intra and inter-state migratory movements and the urban network of Roraima State**

Located within the Rio Branco basin, Roraima State remained isolated from the rest of Brazil for centuries. Recently, more perennial links were established, unleashing a demographic boom. Within this context, Boa Vista city performs a dual role: externally, it represents the focal point of inter-state immigration; internally, it performs a migrant redistribution function, presenting negative net-migration flows with the remaining municípios of the State. This study summarizes the historical demographic occupation of Roraima, exploring the formation and workings of its urban network and its relation with intra and inter-migration flows from the 1970's, 1980's and 1990's.

**Key words:** Urban network. Migration. Roraima – Brazil.

---

<sup>1</sup> O autor agradece ao Prof. José Irineu Rangel Rigotti e ao mestrando Jarvis Campos, do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas, pelo apoio técnico na geração dos dados empregados neste trabalho. O autor também é grato ao Bacharel em Geografia, Reinaldo Onofre dos Santos (UFMG), pela cartografia aqui empregada.

<sup>2</sup> Professor Adjunto III do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas –E-mail: dinizalexandre@terra.com.br

## INTRODUÇÃO

No contexto amazônico, o Estado de Roraima notabiliza-se por seu caráter remoto e por ser ainda desconhecido de boa parte dos brasileiros. Outra peculiaridade é o fato da maioria dos seus 225.116 km<sup>2</sup> encontrarem-se localizados no hemisfério norte. Apesar dessas idiossincrasias, Roraima compartilha vários atributos e problemas com a região Amazônica, incluindo rápido desenvolvimento, programas de colonização, investimentos maciços em infra-estrutura, competição por recursos naturais, destruição da cobertura vegetal natural, e conflitos entre os vários grupos de interesse que operam na região (FURLEY E MOUGEOT, 1994).

As profundas transformações espaciais vivenciadas por Roraima ao longo das últimas décadas perteceram vertiginoso crescimento populacional, sobretudo via imigração, acompanhado de intensa concentração populacional em centros urbanos consolidados e embrionários, fato que culminou em número expressivo de emancipações municipais e na formação de uma rede urbana altamente desequilibrada.

Vale lembrar neste momento que a expressão “rede urbana” vem sendo usada, de maneira generalizada, e nem sempre com a precisão necessária, em muitos estudos urbanos e regionais realizados principalmente após a Segunda Guerra Mundial, no mundo ocidental (AMORIM FILHO; DINIZ, 2005A). Sem querer entrar em polêmicas acerca das diversas acepções do epíteto, o presente estudo adota como conceito de “rede urbana” o proposto por Corrêa (1997:93), que afirma que “a rede urbana constitui-se no conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si”.

Como se vê, o estudo das redes urbanas trabalha com organizações hierárquicas e tipológicas das cidades que as compõem, sendo lógica a afirmação de que quanto mais níveis hierárquicos possuir e quanto mais diferenciada e complementar for uma dada tipologia urbana, mais complexa e, possivelmente, mais dinâmica será a rede urbana (AMORIM FILHO; DINIZ, 2005A).

*Pari-passu* aos fluxos imigratórios inter e intra-estaduais e à formação da ainda desequilibrada rede urbana de Roraima, encontram-se redes sociais ativas. Uma enredada trama de redes sociais liga destinos específicos em Roraima a uma miríade de origens igualmente específicas, sobretudo nos Estados do Maranhão, Pará e Amazonas.

O presente trabalho resgata o processo de ocupação de Roraima, explorando a sua relação com os movimentos migratórios recentes, enfatizando o papel das redes sociais na sustentação e ampliação de fluxos migratórios, e no impacto desses movimentos na formação da incipiente rede urbana do Estado.

## EVOLUÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DE RORAIMA

Em virtude de seu isolamento físico, Roraima manteve-se esparsamente povoada por séculos. Com a construção de estradas de acesso, a partir da década de 1970, Roraima passou a experimentar forte crescimento populacional<sup>3</sup>. A população que era ligeiramente superior a 28.000 habitantes, em 1960, chegou a 40.885, em 1970. Esse crescimento intensificou-se nas décadas seguintes, fazendo com que o Estado contabilizasse 324.397 habitantes em 2000, distribuídos de maneira assimétrica entre os seus 15 municípios

<sup>3</sup> Ver Diniz (2003A) para uma descrição pormenorizada do processo de ocupação de Roraima.

(IBGE 2002). Tal concentração dá-se nas sedes municipais localizadas ao longo da malha viária que cobre o estado, com destaque para as cidades de Boa Vista, Caracarái, Iracema e Mucajaí onde se concentra a maioria da população (Tabela 1).

**Tabela 1 - População de Roraima**

<b>Município</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>	<b>Taxa de urb (%)</b>
Boa Vista	200.568	197.098	3.470	98,27
Caracarái	14.286	8.236	6.050	57,65
Rorainópolis	17.393	7.185	10.208	41,31
Mucajaí	11.247	7.029	4.218	62,50
Alto Alegre	17.907	5.195	12.712	29,01
São João da Baliza	5.091	3.882	1.209	76,25
São Luiz	5.311	3.447	1.864	64,90
Iracema	4.781	3.228	1.553	67,52
Bonfim	9.326	3.000	6.326	32,17
Pacaraima	6.990	2.760	4.230	39,48
Caroebe	5.692	1.977	3.715	34,73
Normandia	6.138	1.500	4.638	24,44
Cantá	8.571	1.155	7.416	13,48
Amajari	5.294	799	4.495	15,09
Uiramutã	5.802	525	5.277	9,05
<b>Roraima</b>	<b>324.397</b>	<b>247.016</b>	<b>77.381</b>	<b>76,15</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2000 (IBGE 2002)

O intenso processo de crescimento populacional vivenciado nas últimas décadas encetou profundas reconfigurações espaciais, que, por sua vez, encontram-se intrinsecamente associadas à formação da rede urbana de Roraima. Vale lembrar que antes de 1943, a região que hoje compreende o Estado de Roraima, era composta por municípios pertencentes ao Estado do Amazonas: Boa Vista do Rio Branco e uma parte dos municípios de Moura e Barcelos (Figura 1). Porém, o Decreto-Lei nº 5.812 de 13 de Setembro de 1943, criou o Território Federal do Rio Branco, que passou a ser composto pelos municípios de Boa Vista e Catrimani (Figura 2). Mas apesar de proposto, este município nunca foi instalado. Desta forma, em 1955, este município foi formalmente extinto, e, em seu lugar, criado o município de Caracarái (Figura 3). O Decreto de 1943 guindou, ainda, a cidade de Boa Vista à categoria de capital do Território (AMBTEC, 1994).



**Figura 1 – Organização política da área hoje conhecida como Estado de Roraima antes de 1943**



**Figura 2 – Organização política do território de Rio Branco – 1943**



**Figura 3 – Organização política do território de Rio Branco – 1955**

O mesmo Decreto estabeleceu que o município de Boa Vista passaria a contar com quatro distritos: a sede Boa Vista, Conceição do Maú, Depósito e Uraricoera. Por outro lado, o município de Caracarái encerraria três distritos: além da sede (Caracarái), Santa Maria do Boiaçu e São José do Anauá. Este quadro permaneceu praticamente inalterado até 1962, quando o Território Federal do Rio Branco passou a ser denominado Território Federal de Roraima, buscando-se evitar os inúmeros extravios de correspondências, que ao invés de se dirigirem ao Território Federal de Rio Branco, acabavam na cidade de Rio Branco, capital do então Território do Acre.

Outra mudança importante na configuração espacial de Roraima deu-se em 1982, quando a Lei N° 7009, de 1° de julho, criou os municípios de Alto Alegre, Bonfim e Normandia com terras pertencentes a Boa Vista; e Mucajaí, São João da Baliza e São Luiz, com parcelas territoriais do município de Caracarái (BARROS, 1995; FREITAS, 1997) (Figura 4). Nova alteração deu-se em 1994, com a criação dos municípios de Caroebe, com terras antes pertencentes a São João da Baliza e Iracema, desmembrado de Mucajaí. No ano seguinte, foram criados os municípios de Pacaraima e Amajari, com terras de Boa Vista; Uiramutã, desmembrado de Normandia; Cantá, desmembrado de Bonfim; e Rorainópolis, com terras de São Luiz do Anauá (Figura 5).

Deve-se, no entanto, ressaltar que tanto a Lei Federal de 1982, como as Leis Estaduais de 1994 e 1995, não mencionaram os distritos que fazem parte dos municípios por elas criados. Porém, sabe-se que à exceção de Boa Vista, as sedes municipais de Roraima, apesar de gozarem da condição formal de cidade, desempenham funções urbanas elementares, encontrando-se extremamente vinculadas e dependentes do mundo rural que as cerca, fato que será retomado mais adiante.



Figura 4 – Organização política do território de Rio Branco – 1982



Figura 5 – Organização política do Estado de Roraima – 1995

## MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

O intenso crescimento populacional vivenciado por Roraima nas últimas décadas, bem como as mudanças de cunho político-administrativo e a crescente complexidade da rede urbana, encontram-se intimamente vinculadas aos movimentos migratórios, que, por sua vez, contam com o suporte de redes sociais ativas. As próximas seções são devotadas ao escrutínio dos principais movimentos migratórios inter e intra-estaduais no final das décadas de 1970, 1980 e 1990, com o fito de buscar subsídios para melhor compreender a recente história de Roraima.

Para a identificação dos imigrantes inter e intra-estaduais, trabalhou-se com os dados sobre migração disponíveis nos Censos de 1980, 1991 e 2000, empregando-se uma periodização quinquenal nos seguintes termos: 1975-1980, 1986-1991 e 1995-2000. Tal procedimento foi adotado por causa das restrições impostas à análise, sobretudo pelo Censo de 2000, que disponibiliza informações migratórias somente do tipo “data fixa” e última etapa apenas no nível de UF. Desta forma, trabalhou-se com as informações do tipo “data fixa” disponíveis nos Censos de 2000 e 1991. Mas, como o Censo de 1980 não franquia dados de migração do tipo “data-fixa”, buscou-se uma alternativa compatível, aplicando-se um filtro, no qual foram selecionados aqueles indivíduos que tinham, em 1980, tempo de residência inferior a cinco anos nos municípios de Roraima e idade igual ou superior a 5 anos. No processo de compilação e tratamento dessas informações, desprezou-se imigrantes com origem e destinos desconhecidos ou não declarados, fato que não inviabiliza as análises que seguem, tendo em vista a sua diminuta proporção.

## PADRÕES DE IMIGRAÇÃO INTER-ESTADUAL

Em relação à imigração inter-estadual, merece destaque o crescente número de imigrantes que buscaram Roraima como destino ao longo das últimas décadas (Figura 6). Note-se que, no final da década de 1970, chegaram ao então Território de Roraima, 11.729 imigrantes. Esse número quase triplicou no final da década seguinte, chegando a 33.086 imigrantes. Novo acréscimo no número de imigrantes foi atingido no final dos anos 1990, quando outros 45.491 imigrantes atingiram o Estado.

A intensificação desse processo esteve atrelada à superação do principal obstáculo ao desenvolvimento do Estado, qual seja a sua acessibilidade, contornado pela consolidação da rodovia BR 174, que liga Manaus à divisa com a Venezuela, bem como aos atrativos naturais do Estado, consubstanciados no seu rico subsolo e na vasta disponibilidade de terras.

Além do crescente número de imigrantes, também chama a atenção a significativa reestruturação ocorrida nas últimas décadas em relação aos principais Estados de procedência desses imigrantes (Figura 7). Note-se que os Estados do Amazonas e Maranhão eram os principais fornecedores de imigrantes no final da década de 1970. No entanto, o fim da década de 1980 desencadeou outros fluxos dignos de monta, além daqueles oriundos nos Estados do Amazonas e Maranhão, fazendo com que Ceará, Pará e Roraima passassem a fornecer expressivas hordas de imigrantes.

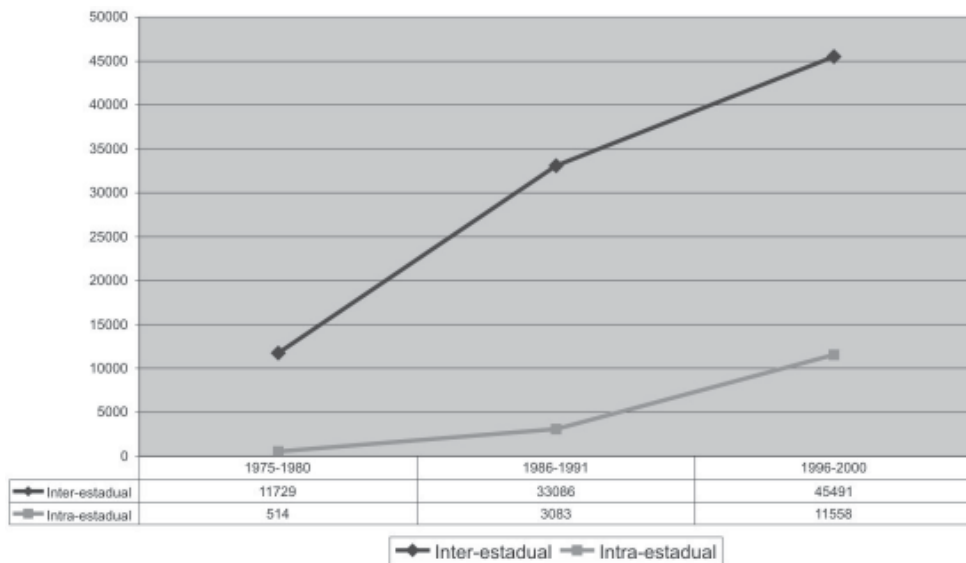


Figura 6 – Volume das migrações em Roraima: 1975-1980, 1986-1991, 1995-2000

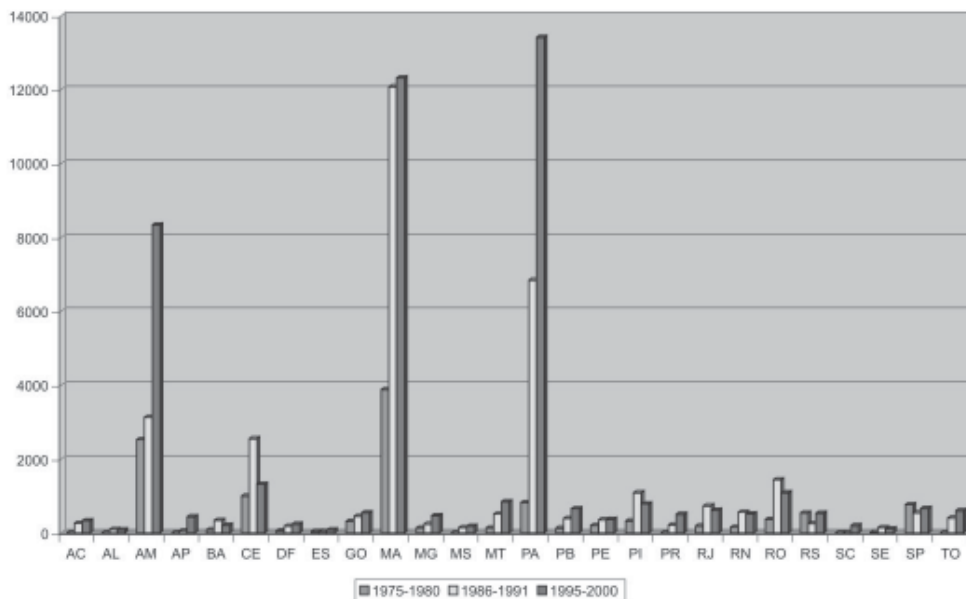
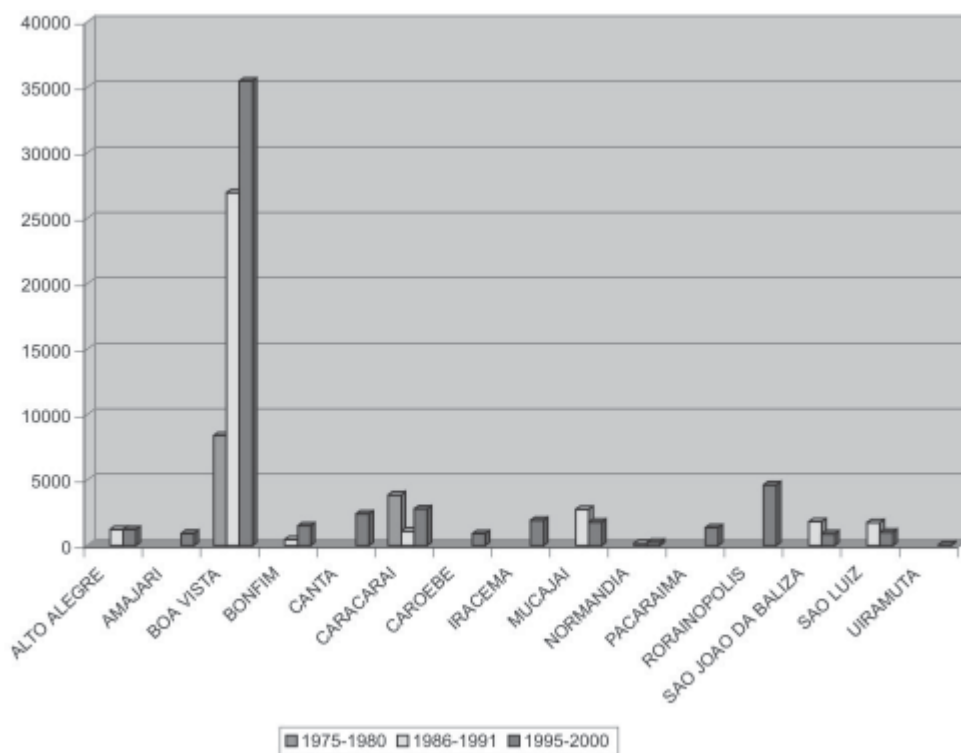


Figura 7 – Estado de origem dos imigrantes de Roraima: 1975-1980, 1986-1991, 1995-2000



O fim da década de 1990 traz uma nova configuração. O Pará ultrapassa o Maranhão como principal origem de imigrantes, seguidos por Amazonas, no rol das mais significativas. No plano dos municípios de destino, Boa Vista mantém a primazia, consubstanciando-se na principal área de atração de imigrantes inter-estaduais nos três períodos em tela (Figura 8). Essa intrigante e aparentemente paradoxal realidade foi explorada por Diniz (1997) que, buscando compreender a discrepância entre a natureza rural dos atrativos populacionais de Roraima (garimpo e áreas de assentamento agrícola) e a concentração populacional na cidade de Boa Vista, desenvolveu estudo que revelou que essa discrepância é fruto da existência de padrões de comportamento diferenciados entre os principais agentes de ocupação do Estado (garimpeiros e trabalhadores rurais sem terra), baseados em intensa mobilidade entre campo e cidade.



**Figura 8 – Município de destino dos imigrantes de Roraima 1975-1980, 1986-1991, 1995-2000**

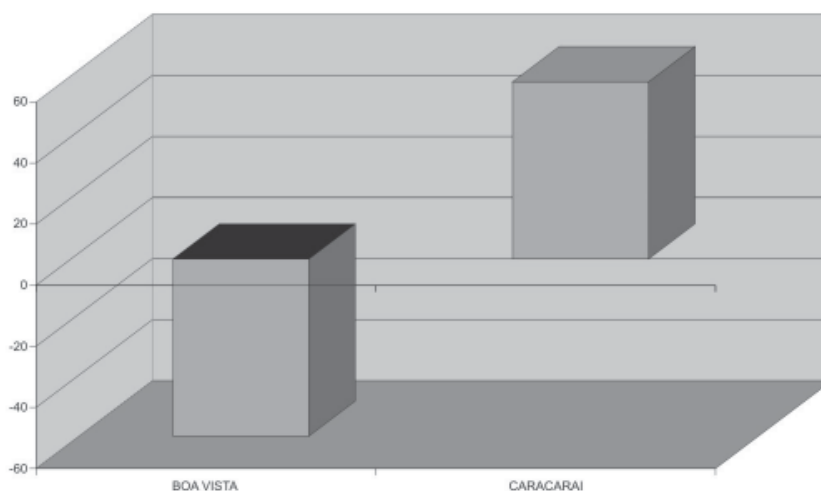
Os garimpeiros, ao chegarem ao Estado de Roraima, estabelecem residência na cidade de Boa Vista, utilizando-a como centro de apoio para a empreitada mineradora. Partindo do aeroporto de Boa Vista, com víveres, ferramentas, remédios e armas, os garimpeiros se embrenham na mata, onde chegam a ficar meses, retornando à Boa Vista para descansar, reabastecer, visitar familiares e principalmente comercializar os metais e pedras preciosas.

Por outro lado, Boa Vista também é ponto de referência para boa parte dos colonos que chegam a Roraima em busca de terra. Primeiramente, as duas agências responsáveis pela regularização fundiária (INCRA e ITERAIMA) encontram-se sediadas em Boa Vista. Portanto, é comum entre os imigrantes recém-chegados estabelecerem residência em caráter temporário na cidade até conseguirem acesso a lotes nas áreas de assentamento agrícola do Estado. Mesmo depois de assentados na zona rural de Roraima, Boa Vista continua a exercer grande magnetismo. A cidade constitui o maior mercado para produtos agrícolas, sendo prática comum entre os agricultores de Roraima o deslocamento semanal para vender os seus produtos.

## PADRÕES MIGRATÓRIOS INTRA-ESTADUAIS

A exemplo da trajetória observada nos movimentos inter-estaduais, a migração intra-estadual em Roraima também exibe números crescentes nas últimas décadas. Enquanto o número de migrantes, com origem e destino conhecidos, não ultrapassavam 514 no final da década de 1970, esse número subiu para 3.083 no fim dos anos 1980, culminando em 11.558 no final da década de 1990 (Figura 6).

Mas também cabe destacar as importantes reestruturações ocorridas nos fluxos intra-estaduais, que priorizaram, de maneira inconsistente e assimétrica, os municípios do Estado. Tal aspecto das migrações intra-estaduais podem ser captados através da análise do saldo migratório por município. No final da década de 1970, a realidade de Roraima era muito mais simples do que na atualidade (Figura 9). As trocas entre os dois municípios do Estado, além de exíguas, geravam baixos números de migrantes líquidos. Por outro lado, na década de 1980, com a intensificação dos movimentos intra-estaduais, o município de Boa Vista sobressai-se com expressivo número de migrantes líquidos positivos, enquanto os demais municípios do Estado contabilizaram perdas migratórias (Figura 10). Tal situação se inverte na década seguinte, fazendo com que Boa Vista seja o município com as mais expressivas trocas líquidas negativas de Roraima, seguido de Normandia, Mucajaí e Uiramutã. Do outro lado da balança, figuram Cantá, Pacaraima, Bonfim e Amajari, com trocas líquidas positivas (Figura 11).



Figuras 9 – Migrações líquidas intra-estaduais em Roraima – 1975-1980

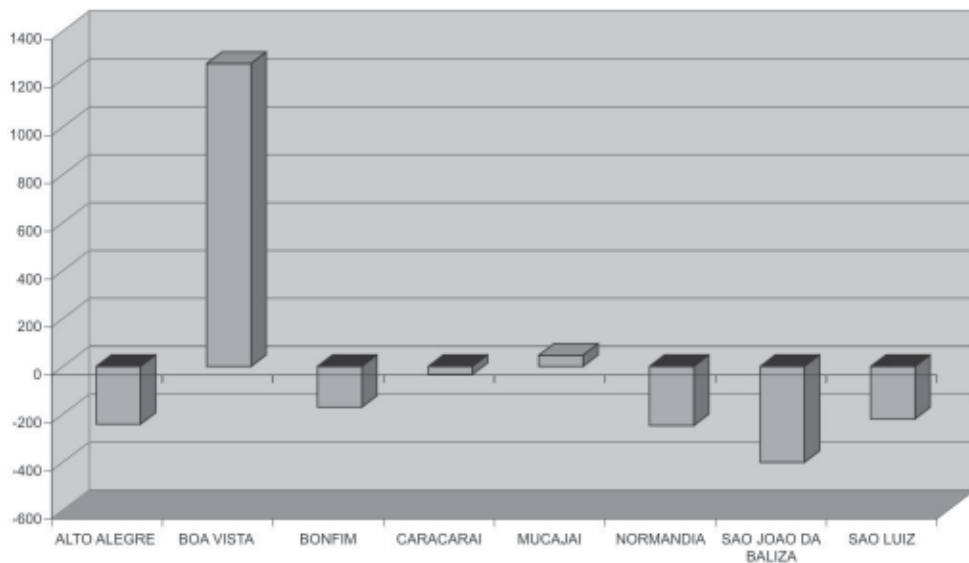


Figura 10 – Migrações líquidas intra-estaduais em Roraima – 1986-1991

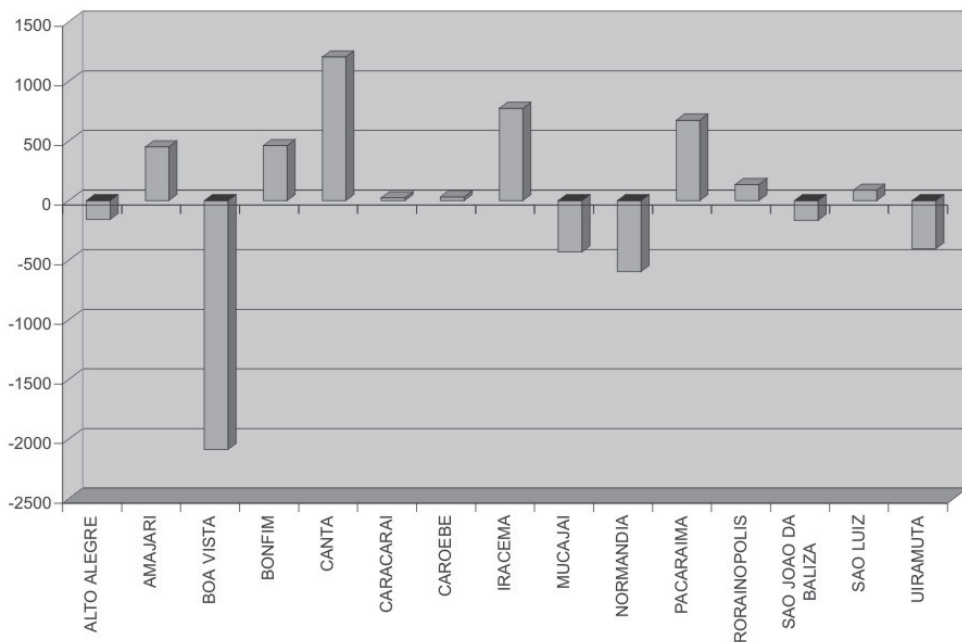


Figura 11 - Migrações líquidas intra-estaduais em Roraima – 1995-2000

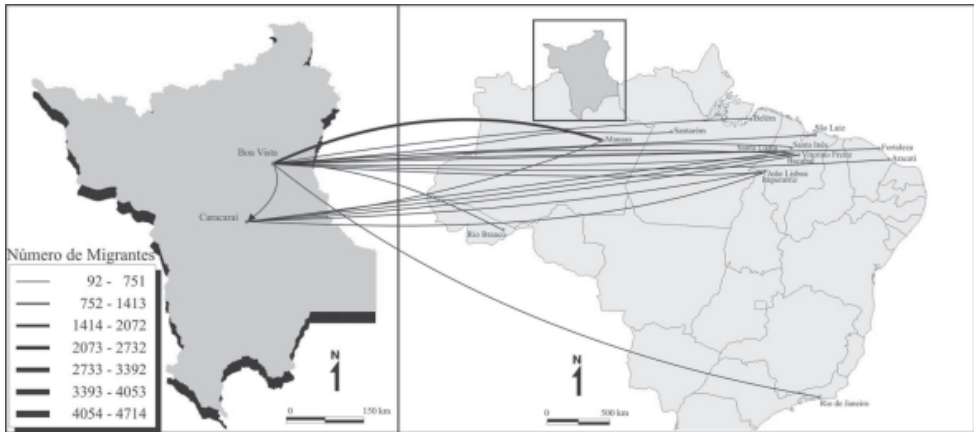
Para se compreender a alternância na condição de Boa Vista, enquanto foco de movimentos migratórios centrípetos, no final dos anos 1980, e centrífugos, no final dos anos 1990, deve-se resgatar as transformações estruturais inerentes ao processo de evolução da fronteira agrícola, descritos por Diniz (2001, 2002, 2003A). Segundo o autor, o processo de evolução da fronteira agrícola transforma a realidade dos assentamentos rurais, transformando áreas marcadas por agricultura de subsistência e ausência de mercados de terra e de trabalho em áreas mais proximamente incorporadas à economia nacional. Neste processo, a penetração do modo de produção capitalista termina por expulsar os imigrantes pioneiros, que se deslocam, no mais das vezes, para as áreas urbanas do Estado, em especial para a cidade de Boa Vista. Para lá acorrem levas de re-migrantes, atraídos, sobretudo, pelo setor terciário e pela relativa facilidade de se conseguir locais para a construção de habitações na periferia da cidade. Do mesmo modo, muitos colonos frustrados com as precárias condições inerentes às áreas de assentamento agrícola, onde doenças tropicais, falta de infra-estrutura adequada e isolamento físico são prevalentes, acabam sucumbindo ao magnetismo de Boa Vista.

No final da década de 1990, a situação se inverte, não porque a sangria dos antigos projetos de colonização se estancasse, mas por que houve significativa expansão na oferta de terras em novos projetos de colonização, que fizeram com que muitos indivíduos deixassem Boa Vista, e numa nova etapa migratória, voltassem ao mundo rural. Some-se a isso o fato de que, com a criação dos novos municípios, muitos postos de trabalho no âmbito urbano, associados à implantação das novas administrações municipais, foram gerados. Este fator beneficiou os recém criados municípios de Amajari, Cantá, Iracema, Pacaraima e Rorainópolis, fazendo com que experimentassem, no final da década de 1990, trocas líquidas positivas.

## PRINCIPAIS FLUXOS MIGRATÓRIOS

A análise dos 20 principais fluxos migratórios a Roraima, tanto de origem externa quanto interna, ao longo das últimas décadas, auxilia a identificação do peso diferenciado das correntes migratórias e sua reestruturação espacial. Esses fluxos, altamente canalizados, são lastreados por redes sociais ativas, que operam a ligação de municípios específicos, que chegam a distar milhares de quilômetros uns dos outros. No final da década de 1970, os principais fluxos migratórios destinados aos municípios de Roraima (Boa Vista e Caracarái) tinham origem, principalmente, nas capitais dos Estados da região Norte (Manaus e Belém) e Nordeste (Fortaleza e São Luiz) (Figura 12).

Subjacentes a esses fluxos existem importantes processos históricos. Sabe-se que, desde o ciclo da Borracha, boa parte das migrações destinadas à Região Amazônica têm origem em estados do Nordeste, sobretudo Ceará e Maranhão. Essas vinculações históricas parecem ter se perpetuado, fato que explica os fluxos migratórios ligando Fortaleza e São Luiz à Roraima. Por outro lado, vale destacar as fortes vinculações de Roraima e sua relação de dependência com as metrópoles da região Norte, sobretudo em relação à Manaus. Lembre-se que, até a década de 1940, a área hoje conhecida como Estado de Roraima, pertencia ao Estado do Amazonas, logo, sob influência direta de Manaus. Tais fatores históricos explicam, pelo menos parcialmente, os intensos fluxos entre as metrópoles do Norte e Roraima.



**Figura 12 – Principais fluxos migratórios de Roraima: 1975-1980**

Também são dignos de nota os fluxos oriundos de cidades do interior do Estado do Maranhão, especialmente Imperatriz, Santa Luzia, Bacabal e Santa Inês, no mesmo período. Tais fluxos, altamente canalizados, também têm determinações históricas importantes. Desde de que Roraima foi transformado em Território e, posteriormente, em Estado da Federação, contou com nada menos do que seis Governadores, civis e militares, que exerceram mandatos múltiplos, oriundos do Estado do Maranhão (FREITAS, 1997). Até a promulgação da atual Constituição, esses governadores eram apontados pelo Governo Federal, passando a ser aduzidos ao poder por sufrágio universal a partir de 1988. Durante as várias administrações maranhenses, campanhas publicitárias, ressaltando as vantagens de Roraima, foram veiculadas através de diversas mídias, no Maranhão, convidando os seus habitantes a contribuir com a empreitada colonizadora da região.

Desta forma, os fluxos, ligando comunidades no Maranhão a comunidades específicas em Roraima, deflagrados ao longo das últimas décadas, perpetuaram-se, expandindo-se, graças ao suporte efetivo de redes sociais. Em processo, descrito por Diniz (2003B), a ocupação demográfica de áreas inabitadas ou pouco habitadas dá-se em etapas, sendo forjada pela chegada de ondas distintas de imigrantes. A mobilidade na fronteira é fortemente baseada em canais informais de informação e migrações por corrente (*step migration*).

Neste processo, um determinado colono (inovador) chega à fronteira em busca de terra. Durante toda a sua estadia, este indivíduo mantém contato direto com o local de origem e, tão logo obtenha acesso a um pedaço de terra e alguma estabilidade, deflagra-se a segunda onda de migrantes (seguidores), que chegam à fronteira bafejados pelo sucesso e pelo apoio do “inovador”. Esta invasão de áreas de assentamento por indivíduos de mesma origem geográfica intensifica-se, uma vez que, tão logo a primeira onda de “seguidores” ganha acesso à terra, sucessivas ondas de “migrantes seguidores”, com algum grau de relação, chegam ao destino.

Situações nas quais os migrantes mantêm contato direto com os locais de origem, seja através de cartas, telefonemas e visitas regulares, fazem com que a migração acabe representando e promovendo, no destino, a expansão da comunidade de origem, e não um hiato físico em relação à mesma (MOUNTZ; WRIGHT 1996). Neste caso, o conceito de

Giddens (1984) "*time-space edges*"<sup>4</sup> é apropriado, uma vez que estes intensos contatos fortalecem os laços entre lugares distantes, construindo um caminho firme e seguro a ser trilhado por migrantes "seguidores" ou "secundários". Apesar de forte durante os primeiros estágios de desenvolvimento da fronteira, o "*time space distancing*", ou a extensão de sistemas sociais através do tempo e do espaço enfraquece, uma vez que o processo de evolução da fronteira tende a expulsar migrantes pioneiros, comprometendo a perpetuação das redes sociais. Por outro lado, o processo de evolução da fronteira dá origem a novos "*time-space distancing*" dentro da própria região Amazônica, na qual laços familiares e de amizade cumprem papéis importantes na ligação entre locais mais avançados no espectro evolucionário e áreas pioneiras.

A impressionante capacidade de adaptação a novos destinos demonstrada pelos migrantes de fronteira merece destaque. Sendo, na maioria das vezes, destituídos de bens materiais, esquecidos pelo poder público, e excluídos social e economicamente, esses indivíduos contam uns com os outros para sobrevivência e adaptação na fronteira. Neste contexto, a formação de grupos de ajuda informal é uma importante estratégia empregada pelos colonos. De acordo com este estratagemma, os colonos revezam o trabalho entre os lotes dos membros desses grupos informais de trabalho, materializando cada fase do árduo processo de produção agrícola, alternadamente: aceiro de derrubada, broca, derrubada, queimada, coivara, aceiro, plantio e colheita.

No final da década de 1980, assiste-se à manutenção de alguns dos principais fluxos pré-existentes, sobretudo aqueles oriundos das capitais dos Estados da Região Norte (Manaus e Belém) e Nordeste (Fortaleza e São Luiz), e também de cidades do interior do Estado do Maranhão, como é o caso de Imperatriz, Santa Inês e Bacabal (Figura 13). Por outro lado, surgem novos fluxos migratórios de monta, como é o caso daqueles oriundos em Itaituba e Santarém, no Estado do Pará; Zé Doca, no Estado do Maranhão; e Porto Velho, em Rondônia.

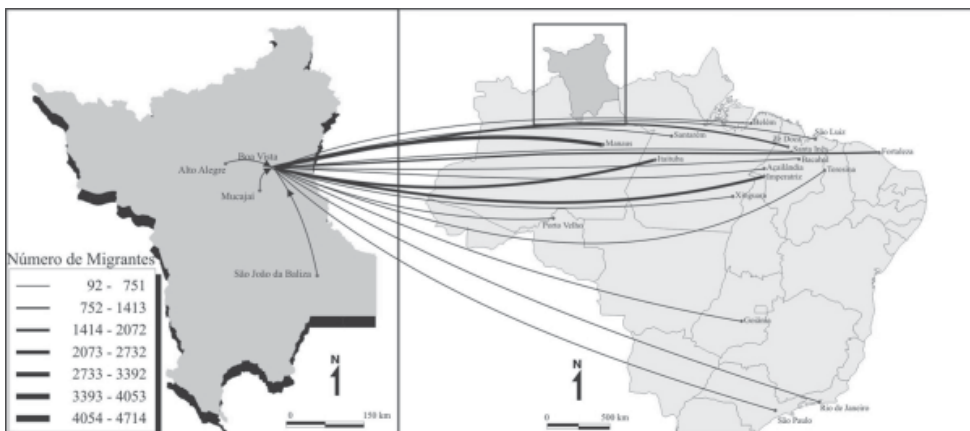
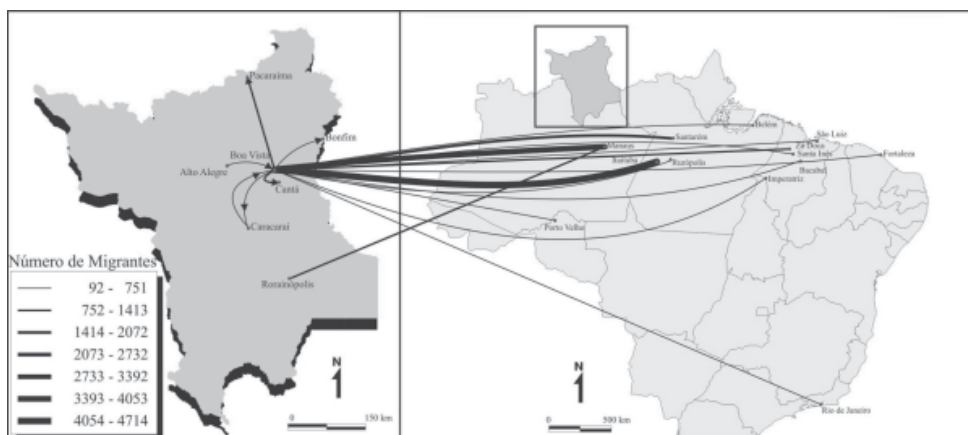


Figura 13 – Principais fluxos migratórios de Roraima: 1986-1991

<sup>4</sup> *Time-space edges* representam os pontos de contato e troca que facilitam este distanciamento e servem como ligações entre origem e destino (Giddens, 1984).

A intensificação desses fluxos estaria associada ao *boom* do garimpo, desencadeado pela descoberta de ouro e diamantes em sua porção setentrional em meados da década de 1980. Como revelado anteriormente, o número de indivíduos envolvidos diretamente no garimpo é estimado em mais de 40.000, sem contar aqueles engajados em atividades de apoio, como pilotos, cozinheiros, motoristas, etc. (MACMILLAN, 1995). No bojo desse intenso movimento de chegada de pessoas não é coincidência o desenvolvimento de fluxos migratórios a partir de outras áreas de garimpo ativas ou declinantes na Amazônia, como é o caso de Itaituba, Santarém e Porto Velho.

O fim dos anos 1990 traz a tona outra realidade (Figura 14). De um lado, alguns dos fluxos presentes na década de 1970 e 1980 permanecem, como é o caso daqueles oriundos nas capitais da região Norte (Manaus, Belém e Porto Velho) e Nordeste (São Luis e Fortaleza), no interior do Estado do Maranhão (Zé Doca, Santa Inês, Bacabal e Imperatriz) e no interior do Estado do Pará (Santarém e Itaituba).



**Figura 14 – Principais fluxos migratórios de Roraima: 1995-2000**

Por outro lado, algumas mudanças são dignas de nota. Desta feita, Itaituba ultrapassa Manaus como a principal fonte de imigrantes inter-estaduais, e Santarém, que até então apresentava-se em níveis intermediários no rol dos principais fluxos, ganha importância. Mesmo diante dos recorrentes protestos vociferados por garimpeiros, comerciantes e políticos roraimenses em prol da reativação da extração mineral, os garimpos permanecem oficialmente fechados. Entretanto, apesar de proscritos, os garimpos continuaram clandestinamente em operação ao longo de toda a década de 1990, fato que explica, pelo menos parcialmente, a intensificação da chegada de indivíduos oriundos de áreas de garimpo do Estado do Pará, como Itaituba e Santarém. Ressalte-se que, além da extração de ouro e diamantes na porção setentrional de Roraima, relatos de garimpeiros dão conta que inúmeros brasileiros encontram-se envolvidos na extração de recursos minerais em solo venezuelano, fato que pode gerar sérios problemas políticos entre as duas nações.

Outra modificação que merece destaque em relação aos principais fluxos migratórios do final dos anos 1990 é o fato de que, pela primeira vez, os fluxos inter-municipais de Roraima rivalizam os inter-estaduais. Este é o caso de vários fluxos originários no município de Boa Vista, em direção a Cantá, Pacaraima, Caracaraí e Bonfim. Como revelado anteriormente, esse aspecto da migração intra-estadual está associada à expansão na oferta de terras em novos projetos de colonização, além dos postos de trabalho criados em virtude da criação desses municípios em 1995.

## A REDE URBANA DE RORAIMA

Dois importantes desdobramentos das intensas correntes inter e intra migratórias vivenciados por Roraima ao longo das últimas décadas foram, indubitavelmente, as emancipações municipais e a formação de uma rede urbana desequilibrada. No contexto de Roraima, Boa Vista se sobressai como o principal e mais complexo núcleo urbano, constituindo-se como cidade primaz e ponto de referência para a população (AMORIM FILHO; DINIZ, 2005B) (Tabela 1). Na cidade de Boa Vista, congregam-se 79,79% da população do Estado de Roraima, o que torna a cidade 23,93 vezes maior do que o segundo maior centro urbano (Caracaráí) e 27,43 vezes maior do que o terceiro maior centro urbano (Rorainópolis). Um grupo intermediário de cidades exibe populações oscilando entre 5.000 e 9.000 habitantes (Caracaráí, Rorainópolis, Mucajáí, e Alto Alegre). Por fim, um numeroso grupo composto por núcleos urbanos embrionários, com população abaixo de 5.000 habitantes, completa o conjunto de cidades da rede urbana de Roraima. Esse conjunto de fatores sugere que a atual rede urbana de Roraima possa ser classificada como dentrítica, conforme exposto por Correa (1996).

Em estudo recente, Amorim Filho e Diniz (2005A) exploraram a organização dos centros urbanos de Roraima, revelando que as cidades de Roraima encontram-se em uma etapa bastante incipiente de hierarquização, uma vez que, excluindo-se Boa Vista, a rede urbana de Roraima conta, predominantemente, com aglomerações de caráter semi-urbano, com a maioria da população ativa ocupada em atividades do setor primário da economia.

No mesmo estudo, os autores identificam três classes de cidades na rede urbana de Roraima. No topo da hierarquia figura Boa Vista, importante centro regional que exibe a maior renda per capita de Roraima e níveis superiores de desenvolvimento humano e de infra-estrutura. Apesar de seu porte de cidade média, Boa Vista desempenha muitas funções características de cidades maiores, a começar por aqueles próprios de uma capital de Estado. Apesar de presente, o setor agrícola representa apenas uma pequena parcela da economia do município de Boa Vista, que é dominada pelos serviços e pelo comércio, atividades que polarizam os demais núcleos urbanos de Roraima. Ressalte-se ainda que o desequilíbrio hierárquico entre Boa Vista e as demais cidades é tão significativo que se pode falar, pelo menos no momento atual, do fenômeno de macrocefalia urbana na capital do Estado.

Identificou-se também um grupo intermediário de cidades, com funções e características específicas, postadas às margens das rodovias federais (BR174 e BR210 - Perimetral Norte). Estes eixos viários foram instrumentais à ocupação demográfica e econômica de Roraima, constituindo-se em importantes vetores de desenvolvimento. Ao longo da BR174 encontram-se os centros emergentes Pacaraima (na fronteira com a Venezuela), Mucajáí, Iracema, Caracaráí e Rorainópolis, e às margens da BR210, a poucos quilômetros de seu entroncamento com a BR174, São Luiz e São João da Baliza. Estes centros emergentes gozam de posição intermediária em relação à renda per capita e aos níveis de desenvolvimento humano e infra-estrutura. Sua estrutura ocupacional sugere que tais centros cumpram funções muito específicas e de influência local, sendo igualmente importantes os setores agropecuário e prestação de serviços. Não é difícil prever que, no médio prazo, e salvo modificações inesperadas, estas cidades são aquelas que maiores probabilidades possuem de alcançarem os níveis hierárquicos de cidades médias na rede urbana do Estado de Roraima.

Por fim, as demais cidades de Roraima compõem o grupo de pequenos núcleos urbanos. Suas posições geográficas mais periféricas e as condições precárias de suas estradas são fatores decisivos na explicação da fragilidade de seus intercâmbios e da precária condição sócio-econômica de seus habitantes. Estes pequenos núcleos urbanos estão muito ligados ao mundo rural, servindo, no mais das vezes, como dormitório para



trabalhadores do setor agrícola. Diniz (2002; 2003B) os define como herança dos embriões núcleos urbanos criados no coração de projetos de colonização, conforme prescreve o Estatuto da Terra. O seu crescimento é condicionado pelo processo de evolução das áreas de assentamento circunvizinhas, tornando-se, portanto, entidades inseparáveis dos projetos agrícolas dos quais se originaram. As transformações estruturais no seu entorno intensificam os movimentos rural-urbanos, aumentando o tamanho e a complexidade desses núcleos. Segundo Becker (1990) e Godfrey (1992), tais lugares constituem-se centros de concentração e redistribuição de mão-de-obra, formada por ex-colonos e migrantes que não conseguiram acesso à terra. É justamente esta última constatação que explica, por sua vez, o caráter ainda incipiente da rede urbana de Roraima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho promoveu um breve resgate do processo de ocupação demográfica do remoto e pouco conhecido Estado de Roraima. Ao longo das últimas décadas, assistiu-se a um intenso crescimento populacional, especialmente em virtude de crescentes fluxos migratórios, oriundos de porções longínquas do território brasileiro, com destaque para os Estados do Maranhão e do Pará.

Tais fluxos tiveram como ignescência as riquezas do subsolo e a grande disponibilidade de terras devolutas. Esses fluxos contaram ainda com a propaganda institucional realizada pelos diversos governos do Território e, posteriormente, do Estado de Roraima em comunidades rurais maranhenses, além de redes de comunicação informais que levavam aos garimpos da Amazônia, informações sobre as riquezas minerais das terras banhadas pelo Rio Branco. Uma vez deflagrados os fluxos, redes sociais entraram em operação, dando sustentação a imigrantes secundários, fomentando a chegada de sucessivas ondas de imigrantes.

Neste contexto, a cidade de Boa Vista vem cumprindo distintos papéis, representando no plano externo o ponto focal de boa parte da imigração inter-estadual destinada a Roraima. Por outro lado, no plano interno, Boa Vista tem operado nos últimos anos como um redistribuidor de migrantes, apresentando trocas líquidas negativas com boa parte dos demais municípios do Estado. Destarte, a capital roraimense constitui-se não somente num pólo de atração populacional, mas também num vórtice, atraindo migrantes interestaduais e dispersando sua população para outros núcleos da rede urbana, como sugere as trocas líquidas negativas entre Boa Vista e os demais municípios do Estado, no final dos anos 1990.

Como resultado desse intenso processo migratório, observou-se nas últimas décadas uma grande reorganização política, com a emancipação de diversos municípios, e, conseqüentemente, com a formação de uma rede urbana pouco desenvolvida. Logo, a evolução da rede urbana de Roraima dependerá de como serão negociados os seus maiores obstáculos atuais, quais sejam: o isolamento e a posição periférica (regional e nacionalmente) do Estado; as redes de transportes e de comunicação ainda bastante incompletas, tanto em termos de cobertura espacial, quanto em termos de suas condições técnicas; e as grandes extensões territoriais não transitáveis livremente, seja em razão de dificuldades de ordem ambiental, seja como resultado de grande número de reservas indígenas, que pode ficar, provisória ou permanentemente, fechadas à passagem de forasteiros.

Some-se a isso o fato de que o futuro acena com outras possibilidades de rearticulação das redes urbanas. A volatilidade das fronteiras agrícolas, definida pela rápida transição entre modos de produção, expulsará grandes levas de agricultores do campo,

levando não só a uma ocupação desordenada dos centros urbanos existentes, bem como darão origem a novos núcleos urbanos. Este fator poderá adicionar complexidades funcionais aos atuais centros urbanos do Estado, podendo culminar em uma rede urbana mais articulada e complementar.

Outro fator que merece destaque é a posição geográfica de Roraima. Sua localização em uma região de fronteiras internacionais dá aos núcleos urbanos localizados ao longo dos principais eixos viários, especialmente Boa Vista, um papel fundamental na integração política e econômica com os vizinhos. Tendo em vista a inclusão da Venezuela ao Mercosul, os centros urbanos de Roraima assumirão, certamente, maior importância geoeconômica e geopolítica. Mas não se pode tergiversar em relação ao potencial de atração populacional das riquezas minerais do Estado. Se os garimpos, ainda que proscritos, continuam a exercer relativa atratividade, imagine-se se forem legitimados pelas autoridades, em face ao movimento pró-legalização comandado por políticos, empresários e garimpeiros locais. Tal medida, seguramente, impingiria substantivas mudanças nos fluxos migratórios inter e intra-estaduais, com repercussões significativas na rede urbana do Estado.

## REFERÊNCIAS

- AMBTEC. **Roraima, o Brasil do Hemisfério Norte**. Boa Vista: Fundação do Meio Ambiente e Tecnologia de Roraima, 1994. Não paginado.
- AMORIM FILHO, O. B., DINIZ, A. M. A. Boa Vista, Roraima: uma cidade média na fronteira setentrional do Brasil. In: MOURA, A.M.S., SENA FILHO, N. (org.) **Cidades: relações de poder e cultura urbana**. Goiânia: Editora Vieira, 2005 A, p.13-34.
- AMORIM FILHO, O. B., DINIZ, A. M. A. A embrionária rede urbana de Roraima. **Estudios Socioterritoriales**. Tandil, v.5, n.5, p. 1-20, 2005B.
- BARROS N.C.C. The Frontier Cycle: A Study of the Agricultural Frontier Settlement in the Southeast of Roraima, Brazil. **Working Paper 4**, Department of Geography, University of Durham. p.1-32, 1994.
- BARROS, N.C.C. **Roraima: paisagens e tempo na amazônia setentrional**. Recife: Editora Universitária, 1995. 269 p.
- BECKER, B. K. **Amazônia**. São Paulo: Ed. Ática, 1990. 219 p.
- CORREA, R.L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 302 p.
- DINIZ, A. Growth and Urbanization in Roraima State, Brazil. **Conference of Latin Americanist Geographers Yearbook**, Austin, v. 23, n. 4, p. 51- 62, 1997.
- DINIZ, A. Mobility and evolving frontier settlements: the case of central Roraima. In: IUSSP GENERAL CONFERENCE 24, Salvador, Agosto/2001. **Annals...** Salvador: General Conference, 2001.
- DINIZ, A. **Frontier Evolution and Mobility in Volatile Frontier Settlements of the Brazilian Amazon**. 2002. 350 f. Doctoral Dissertation. Arizona State University, 2002. 387 p.
- DINIZ, A. M. A. Migração e Evolução da Fronteira Agrícola. **Geografia**. Rio Claro, v.28, n.3, p.363 - 378, 2003A.
- DINIZ, A. M. A. A dimensão qualitativa da mobilidade humana na fronteira agrícola de Roraima. **Cadernos de Geografia**. Belo Horizonte, v.13, n.21, p. 44-59, 2003B.

- FREITAS, A. **Geografia e História de Roraima**. Manaus: Ed. Grafima, 1997. 158 p.
- FURLEY, P.; MOUGEOT, L. **Perspectives in the Forest Frontier: Settlement and Change in Brazilian Roraima** (ed. by Peter Furley). New York: Routledge, 1994. 265p.
- GIDDENS, A. **The Constitution of Society: Outline of the history of structuration**. Cambridge: Polity Press, 1984. 318 p.
- MACMILLAN, G. **At the End of the Rainbow? Gold, Land and People in the Brazilian Amazon**. London: Earthscan Publications Ltd, 1995. 205 p.
- MAGALHÃES, D. **Roraima, informações históricas**. Rio de Janeiro: Graphos, 1986. 257 p.
- MOUNTZ, A., WRIGHT, R. Daily Life in the Transnational Migrant Community of San Agustín, Oaxaca and Poughkeepsie, New York. **Diaspora**, New York, v. 6, p. 403-428, 1996.
- GODFREY, B. Migration to the gold-mining frontier in Brazilian Amazônia. **Geographical Review**, Baton Rouge: v. 82, n.4, p. 458-469, 1992.
- SEPLAN – Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima. **Perfil de Roraima**. Boa Vista: Mimeo, 1999. Não paginado.
- SILVEIRA, I.; GATTI, M. Notas sobre a ocupação de Roraima, migração e colonização. **Boletim do Museo Paraense Emilio Goeldi: Antropologia**, Belém, v. 4, n. 1, p. 43-64, 1988.

Recebido em setembro de 2006

Revisado em setembro de 2007

Aceito em novembro de 2007